

SINESTESIA QUEER E NEURODIVERGENTE: UM PROCESSO CRIATIVO MUSICAL E VISUAL

YARKAN ANJEL¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – yarkanjel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angela.raffin.pohlmann.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto pretende apresentar minha atuação como bolsista de iniciação científica do projeto *Gravura artística e engenharia digital: experiências multidisciplinares*, na área de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da professora Angela Raffin Pohlmann. O objetivo desta pesquisa se tornou o desenvolvimento de uma poética artística pessoal que cruza a produção musical em softwares de computador com pintura, colagem e fotografia em uma relação de equivalência. Esse estudo em poética tem como objetivo final servir para a criação de meus primeiros trabalhos autorais em música eletrônica experimental, uma série de aproximadamente 15 canções que culminam no EP *IMPURE* e o álbum *DECADENCE*, previstos respectivamente para novembro de 2023 e maio de 2024. A pesquisa tomará forma final em meu Trabalho de Conclusão de Curso, previsto para o semestre 2023/2.

Em meus experimentos manuais com pintura e criação de adereços para a fotografia, eu abraço o acaso do manuseamento de materiais e crio uma persona exagerada e colorida, seguindo o que chamo de um “*processo criativo sujo*”, e então personifico uma série de estereótipos que cercam a vivência e subjetividade de pessoas como eu, que são queer e neurodivergentes. Nisso, eu imagino, tanto de forma visual como de forma musical, como essa “criatura” se apresentaria em uma performance, seguindo um senso de humor e estética que são referências diretas da arte *drag*. Brincando com signos de diferentes identidades de gênero e gestos associados com neurodivergências, como transtorno de déficit de atenção e transtorno do espectro autista, eu exponho, assim, uma falsificação de mim a partir da marginalização do meu corpo e mente dissidentes:

Se gênero não é facilmente revelado pela aparição em uma tela de ultrassom [...] mas em vez disso laboriosamente produzido, então a convicção de toda a narrativa entra em questão. O trabalho envolvido na produção de gênero se torna vergonhosamente visível. (DICKINSON, 2021, p. 228, tradução nossa)

2. METODOLOGIA

A partir de colagens visuais e assemblagens, podemos pensar uma equivalência desses processos na música como *sampling*, que consiste na reutilização de um pedaço de uma gravação em outra, “a prática de uma música organizada a partir de amostras [de outras gravações], ao invés de notas” (BASTOS, 2003). Eu me aproprio desta prática nas minhas criações, em especial na música *F49907 SPINNER*¹, onde utilizo trechos específicos de *Entrada dos Gladiadores*, de Julius Fučík, composição hoje em dia associada a espetáculos circenses, em meio a

¹ Canção ainda não-lançada na data de entrega deste texto. Será apresentada em parte ao vivo no evento, junto ao resumo.

efeitos sonoros de desenhos animados e videogames antigos e recortes de batidas de *rock pop* das décadas de 70 e 80, que resultam em mais de quatro minutos de uma música eletrônica frenética e caótica de 160 *bpm*². Isto então parte para exercitar um *modus operandi* mais consciente do meu processo criativo: tal mistura de elementos distintos musicalmente se justapõe ao processo de criação de um projeto visual; os sentidos humanos não são trabalhados separadamente, eles existem juntos, ao mesmo tempo, conectados.

Costumo sempre montar uma *playlist* de canções que servirão de referência ao pensar a estética sonora e os elementos mais detalhistas de uma nova criação musical. Na figura 1, mostro uma seleção diversa de faixas, desde o *crunk* ao *funk*, do *electroclash* a Tom Zé, de Radiohead a Kesha; que me inspiraram no processo de remixar³ a música *Zaga*, dos cantores mineiros Lafetah e Mariana Cavanellas.

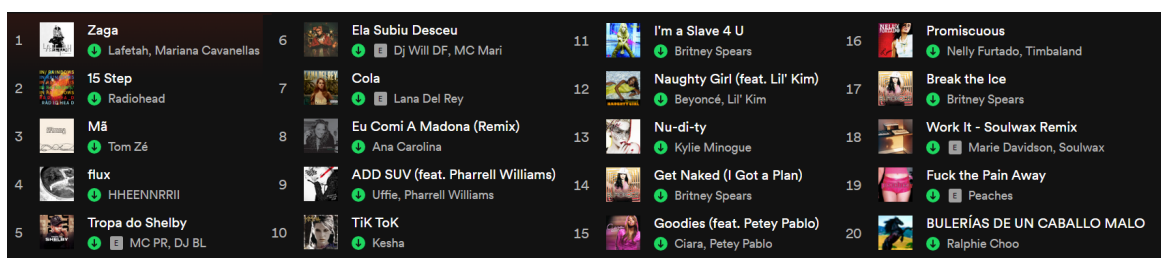


Figura 1: Colagem de capturas de tela da *playlist* de referências musicais para o *remix* de Zaga⁴. Fonte: acervo pessoal.

Na figura 2, vemos a área de trabalho do *software Ableton Live*, que mostra as camadas de instrumentos enumeradas; batida, percussão, textura, sintetizador, vozes, etc. Há o uso de elementos da versão original, como um dos *kicks* e o baixo, e também novos elementos reunidos especificamente para este remix, pois, como diz BASTOS (2003), “no *remix*, o trabalho é recriado, compartilhando marcas do autor original e marcas do autor do *remix*”.

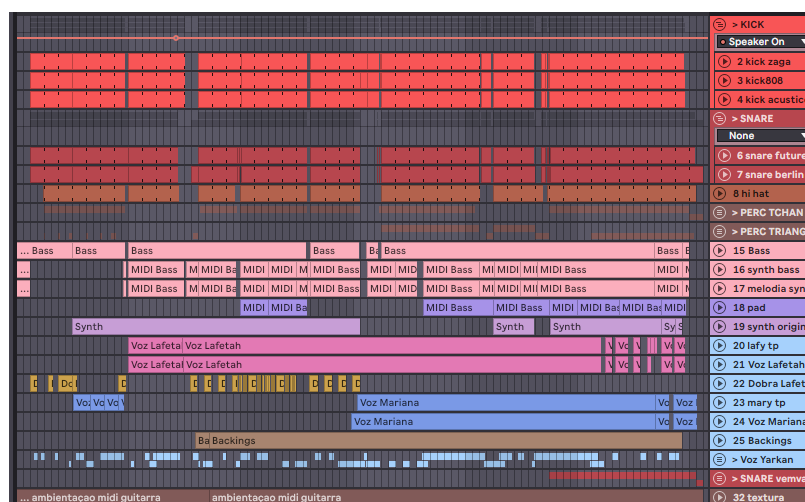


Figura 2: Captura de tela do projeto de *Zaga - yarkanjel Remix* no Ableton Live.
Fonte: acervo pessoal.

² Sigla para *batidas por minuto*; designa a velocidade da música.

³ Neste resumo, o uso do termo **remix** designa a criação de uma nova versão de uma música a partir de seus elementos originais, conhecidos como **stems**, ou **multitracks**.

⁴ Remix ainda não-lançado. Também será apresentado junto ao resumo.

Zaga - yarkanjel Remix ainda não possui data de lançamento, pois tal decisão depende do artista original da canção. *F49907 SPINNER* será lançada em outubro de 2023, época de *Halloween*, e fará parte do EP *IMPURE*, previsto para novembro. O álbum *DECADENCE* sairá completo por volta de maio de 2024, coincidindo com o período de apresentação do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Figura 3: Fotografia de *Carne de boca*, 2023. Fonte: acervo pessoal.

Um exemplo de projeto visual criado no período é a pintura *Carne de boca* (2023) [figura 3] — título também de uma canção —, que participou da exposição *Há algo entre nós*, na galeria A Sala, do Centro de Artes. Na legenda, no espaço dedicado à descrição dos materiais utilizados, lê-se o seguinte:

Tinta acrílica, tinta acrílica fluorescente, tinta para tecido, tinta para vitral, têmpera guache, tinta spray, tinta à óleo, cola branca, cola quente, cola transparente, cola de artesanato extra-forte, cola jeans, água, óleo de cozinha, álcool, álcool gel, aguarrás, terebintina destilada, mistura para preparo de tela feita com tinta de parede, cola e bicarbonato de sódio, pedaços de garrafa pet, papéis rasgados, rasgos e cortes, café exageradamente açucarado, cuspe semi-humano, nano-lascas de cavalete, raspas de esmalte de unha, raspas da própria unha em si, dedadas, queimadas de isqueiro, 10mg e às vezes até 20mg de Ritalina, ansiedade, exaustão, paciência, pausa para um Rothmans, hiperatividade, euforia, conversas no grupo da Matula Records™ no WhatsApp, longas noites até às 22h30 no ateliê, meme da foto da Jamie Lee Curtis posando no red carpet com “OKAAYYY” escrito em cima, preocupação em ligar o computador e abrir o Ableton Live quando chegar em casa, trajeto do Guabiroba Direita Pelotense / Pinheiro Machado / Vila dos Tocos via CIEP, cidadania italiana da Lady Gaga e playlists de trip-hop e techno sobre papel paraná, papel pardo e papelão do Ovo De Páscoa da Tortuguita com Headset

Julgo que parte importante da geração de sentido desta obra é justamente a legenda, que em suas camadas mescla a rotina e o lúdico, e que dá a mesma ordem de importância tanto para os materiais de pintura e superfície utilizados quanto para as ações e emoções vividas antes, durante e depois do processo de criação, assim

novamente chamando a atenção à conexão entre nossos sentidos sensoriais e nos trazendo ao momento presente.

4. CONCLUSÕES

Ao tentar compreender meu fascínio em buscar as relações conceituais entre a socialização de pessoas queer e neurodivergentes e um processo criativo a partir de colagens e assemblagens, tanto sonoras quanto visuais, eu trago uma reflexão acerca do pensamento anterior de DICKINSON (2021). Ao me reconectar com a sinestesia entre meus sentidos, eu me torno consciente do trabalho vergonhosamente visível envolvido não só na produção de gênero, mas que faz parte também de uma produção constante de relações binaristas; do labor empenhado em cultivar a nossa desconexão com a realidade, deixando de lado nosso equilíbrio para nos deixar vulneráveis o bastante para que outros tenham controle sobre a nossa própria narrativa.

Acostumamo-nos muito a ouvir histórias de vida em segunda mão, e isso nos leva a acreditar que é mais importante o relato ser fidedigno (seja lá o que isso signifique no contexto) do que o processo cognitivo da pessoa que está sofrendo a ação. (DUMARESQ, 2016, p. 128)

O meu principal ponto de interesse é destrinchar as falhas de comunicação nas relações interpessoais — e intrapessoais —, existentes graças à estigmatização e marginalização de identidades queer e neurodivergentes, e captar uma brecha para capturar ruídos que possam me parecer interessantes para serem reciclados e “transformados em matéria-prima” (BASTOS, 2023). Ao *samplear* a melodia de *Entrada dos Gladiadores* e jogá-la em um contexto de música eletrônica queer, eu exponho as mesmas provocações e o mesmo senso de humor que tive ao trabalhar na pintura (e na legenda) de *Carne de boca*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Marcus. “Samplertropofagia: a cultura da reciclagem.” **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**. Belo Horizonte, 2003.

DICKSON, Nathaniel. “Seizing the Means: Towards a Trans Epistemology”. In: GLEESON, Jules Joanne; O'ROURKE, Elle (orgs.). **Transgender Marxism**. Londres: Pluto Press, 2021, p. 228-243. ISBN 978 1 78680 732 8.

DUMARESQ, Leila. “Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênero)”. **PeríodiCus**, vol. 5, núm. 1, pp. 121-131, maio-out. 2016.

FAVERO, Sofia. **Psicologia suja**. 1ª. ed. Salvador: Editora Devires, 2022. ISBN 978-65-86481-78-5.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

WYNN, Natalie. “A Estética | ContraPoints”. **YouTube**, 19 set. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z1afqR5QkDM>>. Acesso em: 10 set. 2020.